

12% das gestações no Brasil têm complicações graves

17/11/2009
Folha de São Paulo

Dado é similar ao de outros países, mas mortalidade materna no Brasil é maior. Para médicos, a causa é a diferença no tratamento; problemas decorrentes de pressão alta lideram as complicações no país

De todas as gestações brasileiras, aproximadamente 12% apresentam complicações graves. E o que mostram os resultados dos primeiros três meses de um projeto de vigilância epidemiológica que acompanha todos os partos ocorridos em 27 hospitais-referência do país.

Os dados foram apresentados no 53º Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia, que termina hoje em Belo Horizonte. O sistema é financiado pelo CNPq e pelo Ministério da Saúde e tem apoio da OMS (Organização Mundial da Saúde).

Trata-se do primeiro estudo prospectivo - que acompanha os casos à medida que eles ocorrem, e não retrospectivamente - a levar em conta os novos critérios da OMS para complicações graves na gravidez. Essa padronização, que permite comparar a situação em diversos países do mundo, vem sendo discutida desde meados dos anos 2000 e foi divulgada oficialmente no mês passado, no Congresso Mundial de Ginecologia e Obstetrícia.

No Brasil, as principais complicações são as decorrentes da pressão alta e as hemorragias no pós-parto, além das infecções. Em países desenvolvidos, os maiores problemas acontecem por doenças já existentes, como diabetes ou cardiopatias.

"Até dez anos atrás, o indicador mais importante para medir a saúde materna era a mortalidade. Como o número absoluto de mortes maternas é relativamente pequeno e os programas para reduzir a mortalidade materna no fim da década passada não alcançaram as metas previstas, a OMS viu que seria mais produtivo focar no que ocorre antes da morte: as complicações obstétricas graves", explica José Guilherme Cecatti, professor titular de obstetrícia da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e coordenador do projeto brasileiro.

Frequência similar

A frequência de complicações, de 12%, é semelhante à encontrada em outros países. Sabe-se, porém, que a mortalidade materna é mais alta no Brasil do que em outras nações mais desenvolvidas, o que sugere que os brasileiros não estão sabendo lidar adequadamente com as complicações.

Se no Japão ou no Canadá há no máximo dez mortes maternas por 100 mil nascidos vivos, no Brasil o índice é de 70 a 140 por 100 mil nascidos vivos.

"A gravidez é um processo fisiológico que tem complicações tanto na Suécia quanto em Bangladesh. A proporção é similar, a diferença é a forma como cada país trata esses problemas e o estado de saúde geral da paciente. Uma coisa é tratar uma mulher saudável, outra é tratar uma mulher anêmica, por exemplo", diz Cecatti.

Para o médico, o projeto tem ajudado a lidar melhor com as complicações. "Temos vários profissionais de saúde dizendo que a simples ativação do sistema para identificação dos casos já modificou a prática deles."

Segundo ele, ao perceberem mais cedo o que é ou não um caso identificado como de gravidez, os médicos conseguem agir mais prontamente e até têm mais argumentos para negociar, com o hospital, uma internação na UTI ou uma transfusão de sangue, por exemplo.

A ginecologista e obstetra Márcia Aquino, diretora de divisão médica do Hospital Maternidade Leonor Mendes de Barros, em São Paulo, ressalta ainda que os participantes do estudo avaliam posteriormente as complicações detectadas, analisando o que poderia ter sido feito para evitá-las.

"Avaliamos se a causa da complicação era evitável, se houve falha de comunicação, se a paciente chegou tarde, se houve falha hospitalar. A ideia é propor planos de ação", afirma.